

## CONTEXTUALIZANDO O DEBATE (E O COMBATE) NECESSÁRIO À UMA EDUCAÇÃO ANTIDIALÓGICA

*Sérgio Antônio de Souza Farias*

*José Ricardo e Souza Mafra*

### Resumo

A pandemia da COVID impactou, econômica, sanitária e socialmente, o mundo. É uma consequência da crise ambiental produzida por um modelo socioeconômico globalizado, tornando-se a maior emergência no pós-guerra apresentando situações contextuais e problemáticas diversas. Entretanto, movimentos negacionistas organizados entre 2020 e 2021, em especial no Brasil e EUA, conseguiram alienar uma parcela considerável das populações dos países em questão. O presente texto discute, de uma forma, introdutória, esse fenômeno social por meio, dos pressupostos estabelecidos na Pedagogia do Oprimido, em três partes. Na primeira parte, a explanação dos preceitos fundamentais do texto de Freire, envolvendo as relações entre opressores e oprimidos e a contradição inerente a dualidade opressor-oprimido. Na segunda parte, partimos de uma contextualização da educação antidialógica, através de instrumentos de opressão, por meio, de dispositivos de invasão cultural. Por fim, uma releitura crítica, a partir do cenário atual em maior escala, levando em consideração toda uma crise ambiental que fornece uma visibilidade evidente, no contexto da pandemia.

**Palavras-chave:** educação; educação dialógica; coisificação do ser.

## CONTEXTUALIZING THE DEBATE (AND THE COMBAT) NECESSARY FOR AN ANTI-DIALOGICAL EDUCATION

### Abstract

The COVID pandemic has impacted the world economically, healthily and socially. It is a consequence of the environmental crisis produced by a globalized socioeconomic model, becoming the greatest emergency in the post-war period, presenting diverse contextual and problematic situations. However, denialist movements organized between 2020 and 2021, especially in Brazil and the USA, managed to alienate a considerable portion of the populations of the countries in question. This text discusses, in an introductory way, this social phenomenon through the assumptions established in the Pedagogy of the Oppressed, in three parts. In the first part, the explanation of the fundamental precepts of Freire's text, involving the relations between oppressors and oppressed and the inherent contradiction of the oppressor-oppressed duality. In the second part, we start with a contextualization of anti-dialogical education, through instruments of oppression, through devices of cultural invasion. Finally, a critical re-reading, from the current scenario on a larger scale, taking into account an entire environmental crisis that provides evident visibility, in the context of the pandemic.

**Keywords:** education; dialogical education; reification of being.

## CONTEXTUALIZAR EL DEBATE (Y EL COMBATE) NECESARIO PARA UNA EDUCACIÓN ANTIDIALOGICA

### Resumen

La pandemia de COVID ha impactado al mundo económica, saludable y socialmente. Es consecuencia de la crisis ambiental producida por un modelo socioeconómico globalizado, convirtiéndose en la mayor emergencia de la posguerra, presentando diversas situaciones contextuales y problemáticas. Sin embargo,

los movimientos negacionistas organizados entre 2020 y 2021, especialmente en Brasil y EE. UU., lograron alejar a una parte considerable de la población de los países en cuestión. Este texto aborda, de manera introductoria, este fenómeno social a través de los presupuestos establecidos en la Pedagogía del Oprimido, en tres partes. En la primera parte, la explicación de los preceptos fundamentales del texto de Freire, que involucran las relaciones entre opresores y oprimidos y la contradicción inherente a la dualidad opresor-oprimido. En la segunda parte, partimos de una contextualización de la educación antidialógica, a través de instrumentos de opresión, a través de dispositivos de invasión cultural. Finalmente, una relectura crítica, a partir del escenario actual a mayor escala, teniendo en cuenta toda una crisis ambiental que brinda una clara visibilidad, en el contexto de la pandemia.

**Palabras clave:** educación; educación dialógica; objetivación del ser.

## INTRODUÇÃO

Nos anos de 2020 e 2021 a pandemia de SARS-CoV-2 (COVID) obrigou todas as sociedades do mundo a viverem com severas limitações. O uso de máscara e álcool gel, bem como medidas de distanciamento social foram, até a chegada das vacinas, as únicas medidas para conter o avanço da pandemia. Em meio ao aumento exponencial dos números de contaminações e de mortes, movimentos negacionistas protestavam contra o uso de máscara e disseminando falsas informações sobre as vacinas.

O negacionismo ocorreu em todo o mundo, mas foi fortemente destacado em duas nações, governadas pela extrema direita, o Brasil e os Estados Unidos da América (EUA). Estes marcaram os maiores números de mortes no biênio 2020-2021. Seus presidentes defenderam o uso de medicamentos não comprovadamente eficazes, tratamentos não comprovadamente eficazes e a quase que desobrigação do uso de máscaras.

O discurso contra as máscaras e vacinas se apoiou na liberdade individual e na negação de recomendações da grande comunidade científica e dos jornais tradicionais. A disseminação negacionista ocorreu por meio de mídias sociais e foi alvo de investigações em instituições brasileiras como o Senado e os Supremos Tribunais.

A crise gerada pela COVID nos faz redirecionar aos pressupostos discutidos no texto Pedagogia do Oprimido, de Paulo Freire, trazendo luz às falas de Freire e expandindo a compressão entre a relação opressor/oprimido. Vejo que o presente momento clama por uma releitura do texto citado e, principalmente, a sua discussão e propagação mais forte, em termos das discussões sociais e, principalmente, educacionais. Estas lucubrações, tão necessárias e atuais, fornecem um entendimento sobre o panorama das relações sociais situadas no mundo, em 2020-2021, e como as crises instaladas, principalmente a crise ambiental, provoca reflexões sobre liberdade, opressão, educação dialógica, história e integração.

## PEDAGOGIA DO OPRIMIDO – UM BREVE PANORAMA

O capítulo inicial do texto de Paulo Freire destaca as relações entre opressores e oprimidos e a contradicção inerente a dualidade opressor-oprimido, segundo o texto:

E aí está a grande tarefa humanística dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder não podem ter, este poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasce da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar ambos (FREIRE, 1987, p. 20).

A temática da libertação é desenvolvida a partir da compressão da opressão, cabendo, ao oprimido, entender-se dentro de um processo histórico em que as relações de trabalho devam ser desvendadas frente a ideia de mundo. Diferentemente dos animais (seres a-históricos) que trabalham mecanicamente, a educação deve fazer o oprimido entender a importância do seu trabalho na construção do mundo. Assim sendo, o mundo é construído por meio da história de relações de opressão.

Diante da vantagem em estar como opressor, cabe ao oprimido a tarefa da libertação, mas os papéis opressor e oprimido não ocorrem, unicamente entre pessoas distintas. Freire coloca que o oprimido hospeda a sombra do opressor, de modo a interpretar o humano como dual opressor-oprimido. Acrescido ao fato de sermos seres resultantes de um mundo modelado pela história, ninguém se liberta sozinho. Cabe, então ao oprimido, libertar-se e aos opressores.

O grande problema está em como poderão os oprimidos, que “hospedam” ao opressor em si, participar da elaboração, como seres duplos, inautênticos, da pedagogia de sua libertação. Somente na medida em que se descubram “hospedeiros” do opressor poderão contribuir para o planejamento de sua pedagogia libertadora (FREIRE, 1987, p. 20).

O processo de libertação ocorre por meio de uma pedagogia ou epistemologia, de tal forma que permita o sujeito encarar a si próprio, ao mundo, a história e, sobretudo, a percepção de que não há uma espécie de libertação individual, mas sim a compreensão de que a coletividade permite o entendimento e a problematização das situações, relações e tensões provenientes e existentes em uma determinada classe social. Estes ingredientes não podem ser concebidos por meio de uma pedagogia centrada em um método meramente reformista, mas sim, por um procedimento transformador e compreensivo. Uma pedagogia desprovida de slogans e mitos que enxerga a realidade objetivamente.

Se o que caracteriza os oprimidos, como “consciência servil” em relação à consciência do senhor, é fazer-se quase “coisa” e transformar-se, como salienta Hegel, em “consciência para o outro”, a solidariedade verdadeira com eles está em com eles lutar para transformação da realidade objetiva que os faz ser este “ser para outro (FREIRE, 1987, p. 23).

Uma pedagogia que pretende ser libertadora deve fomentar o diálogo por meio de problematizações de forma horizontal. O educando não pode enxergar o educador como um ser superior, alguém inacessível ao diálogo e que traga temas desprovidos de importância para o educando. A pedagogia libertadora deve conduzir a práxis que consiste de ações de homens sobre o mundo, no intuito de transforma-lo. Sendo assim, uma pedagogia que pretende libertar deve, também, ser humanística, desprovida de egoísmos e de generosidades.

A pedagogia do oprimido, que busca a restauração da intersubjetividade, se apresenta como pedagogia do Homem. Somente ela, que se anima da generosidade autêntica humanística e não “humanitarista”, pode alcançar este objetivo. Pelo contrário, a pedagogia que, partindo dos interesses egoísticos dos opressores egoísmo camuflado de falsa generosidade, faz dos oprimidos objetivos dos seu humanitarismo, mantém e encara a própria opressão. É instrumento de desumanização (FREIRE, 1987, p. 26).

Freire destaca que na libertação requerida pela pedagogia do oprimido é preciso que o indivíduo aceite responsabilizar-se totalmente. O indivíduo deve ser ativo para exercer a humanidade e, conseqüentemente, tentar superar a contradição opressor-oprimido.

A educação problematizadora se contrapõe à educação bancária que encara o homem no mundo individualmente, assim sendo a educação bancária traz a relação opressor-oprimido à relação educador-educando. Se a educação bancária encara o educando como dóceis de depósitos, a educação problematizadora encara o educando como investigador crítico que dialoga ativamente com o educador. A problematização traz a concepção, ao educando, de serem seres no mundo e com o mundo, assim sendo, serão desafiados.

Desafiados, compreendem o desafio na própria ação de captá-lo. Mas, precisamente porque captam o desafio como um problema em suas conexões com outros, num plano de totalidade não como algo petrificado, a compreensão resultante tende a tornar-se crescentemente crítica, por isso, cada vez mais desalienada. Através dela, que provoca novas compreensões de novos desafios, que vão surgindo no processo da resposta, se vão reconhecendo, mais e mais, como compromisso. Assim é que se dá o reconhecimento que engaja (FREIRE, 1987, p. 45).

É preciso salientar que a problematização surge a partir da visão de mundo do educando respeitando seu pensamento-linguagem. Assim, a partir da percepção de realidade do educando, o educador sugere temas geradores e, por meio da dialogicidade a superação de situações-limites, que não mais tendam a servir como fronteiras que negam e freiam o educando por meio da desumanização opressiva. As situações-limites passam a ser enxergadas como inéditas e viáveis.

O processo de humanização do ser, parte de um pensar crítico através de uma situação nublada que envolve este ser (processo de imersão), passando pela inserção na realidade que se vai desvelando (processo de emersão), até a conscientização da situação.

A pergunta que surge imediatamente, na elaboração do programa educativo, é: o que, e como investigar para que educadores e educandos se construam, crítica e temporalmente? Segundo Freire, a prática educadores-educandos e educandos-educadores deve fundir-se em reciprocidade de ações com o cuidado de que: i) a análise não seja corrompida por investigadores que se descobrem investigadores, mas principalmente; ii) o centro da investigação, não venha a ser um homem coisificado<sup>1</sup>. Nesse sentido, a elaboração do programa educativo, na proposta Freireana, ocorre em uma perspectiva dialógica e dialética, através de quatro etapas.

Na primeira etapa, gerenciada pelos núcleos centrais, ocorre a constituição das “situações-limites” a partir de conjuntos de contradições. Na segunda etapa ocorre: i) a elaboração das codificações que servem às investigações temáticas e ii) a descodificação iniciando reflexões críticas para abertura de diversos temas. Nesse momento as dimensões das realidades são dialeticamente tratadas por meio da codificação e descodificação. A etapa é finalizada com a equipe interdisciplinar realizando análises de ângulos temáticos contidos nas codificações.

A terceira etapa consiste em diálogos descodificadores que ocorrem em círculos de investigação temática realizado com representantes populares, psicólogo e sociólogo. As discussões são analisadas pela equipe interdisciplinar.

A quarta e última etapa é a etapa de estudo sistemático e interdisciplinar. Nesse momento, ocorre a delimitação temática, cabendo a cada especialista apresentar, a equipe interdisciplinar, projetos de “reduções” de temas.

---

<sup>1</sup> Aqui, assumimos a compreensão do que seja a coisificação do homem, como um operador de redução meramente material, desprovido de emoções, sentimentos e comportamentos considerados humanísticos.

No último capítulo do livro, Freire analisa os mecanismos de dominação dos opressores, apontando os mitos criados pela elite<sup>2</sup>, a educação e cultura antidialógica. Segundo Freire,

O mito, por exemplo, de que a ordem opressora é uma ordem de liberdade. De que todos são livres para trabalhar onde queiram. Se não lhes agrada o patrão, podem então deixá-la e procurar outro emprego. O mito de que esta “ordem” respeita os direitos da pessoa humana e que, portanto, é digna de todo apreço. O mito de que todos, bastando não ser preguiçosos, podem chegar a ser empresários – mais ainda, o mito de que o homem que vende, pelas ruas, gritando: “doce de banana e goiaba” é um empresário tal qual o dono de uma grande fábrica (FREIRE, 1987, p. 86).

Outro mecanismo de dominação executado pelos opressores consiste em dividir os oprimidos. Este, ocorre fazendo os oprimidos não enxergarem a totalidade e a complexidade dos problemas sociais, por meio de incentivos a visões focadas ou redutoras. E, caso a dominação não possa ser feita diretamente pelas elites, cabe um mecanismo indireto de dominação, a saber: a liderança populista.

O líder populista, que emerge neste processo, é também um ser ambíguo. Precisamente porque fica entre as massas e as oligarquias dominantes, ele é como se fosse um ser anfíbio. Vive na “terra” e na “água”. Seu estar entre oligarquias dominadoras e massas lhe deixa marcas das duas (FREIRE, 1987, p. 92).

A invasão cultural, também, serve a conquista do oprimido pelo opressor e pode ser verificada na autoridade paterna, em feições autoritárias entre pais e filhos ou em rígidas relações escolares por exemplo. A sombra do hospedeiro opressor no oprimido torna possível a aderência ao opressor, facilitando a invasão cultural. Freire destaca fortemente a importância da revolução cultural a base da dialogicidade entre o povo e as lideranças. Sendo imprescindível a colaboração como ferramenta contra os mecanismos de dominação.

Enquanto na teoria da ação antidialógica a conquista, como sua primeira característica, implica num sujeito que, conquistando o outro, o transforma em quase “coisa”, na teoria dialógica da ação, os sujeitos se encontram para a transformação do mundo em colaboração (FREIRE, 1987, p. 103).

Da colaboração, a união dos oprimidos e relações solidárias, ingredientes, estes, necessários para a aderência a realidade e a formação da consciência de classe. Resta a indispensável disciplina para a negação da “coisificação” das massas populares.

Por fim, na síntese cultural, Freire destaca que a ação cultural dialógica não pretende desaparecer com a dialeticidade permanência-mudança, mas superar as contradições antagônicas que resulte na libertação dos homens.

---

<sup>2</sup> Minoria, tendenciosamente considerada opressora e que se comportam, no contexto das relações sociais, como seres superiores e de supremacia hierárquica, em relação a maioria da população considerada dominante ou, nos dizeres de Freire, oprimida.

## CONTEXTUALIZANDO A PEDAGOGIA DO OPRIMIDO: A PANDEMIA DA COVID

Em 18 de fevereiro de 2021, o secretário-geral das Nações Unidas (ONU), Antônio Guterres, esclarece, por meio do relatório do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma), que o mundo vive em meio à crise ambiental, destacadamente, crise: i) climática; ii) de biodiversidade e iii) populacional, simultaneamente (CHIARETTI, 2021).

Nos últimos 50 anos, a economia global cresceu cinco vezes, boa parte disso às custas da extração de recursos naturais que triplicou. A população global duplicou, chegando a 7, 8 bilhões de pessoas, mas a pobreza também dobrou. Hoje, há 1,3 bilhão de pobres e 700 milhões que passam fome (CHIARETTI, 2021).

O modelo socioeconômico global tem levado o planeta a ter um aumento de temperatura de 35 °C, descumprindo assim as metas estabelecidas no Acordo de Paris (CHIARETTI, 2021). São consequências da crise ambiental: as pandemias, enchentes, longos períodos de estiagens, furacões por exemplo. Ações para frear a crise ambiental são urgentes e devem ser executadas holisticamente (ZANDONAI, 2021).

Em dezembro de 2019, o primeiro caso de COVID-19 ocorre em Wuhan (China), em janeiro de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declara emergência internacional, em março de 2020, são registrados 100 000 casos de COVI-19, a Europa passa a ter o maior número de mortes diárias e, com 4 291 mortes, a ONU declara que o COVID é uma pandemia. Em setembro de 2020, o mundo marca um milhão de mortes por COVID (MOORE, 2021; NEWS, 2020).

Em abril de 2020, os EUA passam a ser o epicentro da pandemia (BBC, 2021), neste momento, com mais de 78 000 mortes, ocorrem os primeiros protestos contra o confinamento nos EUA (GUIMÓN, 2020). O ano de 2020 foi marcado pela campanha presidencial em que disputaram um candidato da extrema direita, que defendeu remédios sem eficácia comprovada, pelos republicanos, e um candidato que se alinhou às recomendações científicas, pelos democratas.

Enquanto o mundo registrava um milhão de mortes, o Brasil registrava mais de 140 000 mortes em 25 de setembro de 2020 (SANTOS, 2020). Em janeiro de 2021, o Brasil registra mais de 200 000 mortes, esse mês foi marcado pela falta de oxigênios para pacientes internados na cidade de Manaus (AM). O colapso da saúde, em Manaus, foi destaque em muitos jornais tradicionais nos EUA e na Europa. Nesse momento, a OMS destaca que uma nova variante da COVID surgira em Manaus, a variante P1 (SAÚDE, 2020). Vale a pena ressaltar que em dezembro de 2020 houveram manifestações contra o lockdown no centro de Manaus (FOLHA, 2020; G1.GLOBO, 2020; CORREIOBRAZILIENSE, 2020).

O maior crescimento no número de mortes diárias, no Brasil, ocorreu entre fevereiro e abril de 2021. A marca de 1092 mortes diárias em 16 de fevereiro e, 1711 mortes diárias em 12 de abril (ESTATÍSTICA, 2021). Enquanto isso, muitos países do mundo relaxavam medidas de distanciamento devido a vacinação em massa. Mas o Brasil tardou em iniciar a vacinação e isso foi destaque na Comissão Parlamentar de Inquéritos (CPI) que ocorreu no Senado, instalada em 27 de abril de 2021 e finalizada em 26 de outubro de 2021 (SENADO, 2021).

O Professor Dr. Pedro Rodrigues Curi Hallal compareceu a CPI do Senado em 24 de junho de 2021, como representante da comunidade científica brasileira e, embasado por estudo científico (HALLAL, 2021), aponta o movimento negacionista do governo federal como responsável por uma parcela significativa de mortes no Brasil.

A pandemia da COVID tem acentuado desigualdades sociais e concentração de renda. Segundo a OXFAM.org:

Os 1.000 maiores bilionários do mundo recuperaram as perdas da pandemia em apenas 9 meses. Os mais pobres levarão mais de uma década para voltar ao nível que estavam antes da crise (OXFAM.BRASIL, 2022)”  
“Os 10 homens (brancos) mais ricos do mundo acumularam cerca de US\$ 500 bilhões desde que a pandemia começou. Isso é mais do que suficiente para pagar vacina contra a covid-19 para todas e todos (OXFAM.BRASIL, 2022)”  
“9 de cada 10 habitantes de países pobres ficarão sem vacina em 2021, enquanto que os países mais ricos compraram uma quantidade de vacinas suficiente para imunizar suas populações inteiras por três vezes (OXFAM.BRASIL, 2022).

Em janeiro de 2021 o Brasil e o mundo vêm batendo recordes em números de contaminações de COVID, devido ao surgimento de uma variante oriunda da África do Sul. Uma quantidade insuficiente de testes para a COVID e de vacinas tornam possível o surgimento de novas variantes. Em novembro de 2021, menos de 7% da população africana estava vacinada, ao passo que 40% da população do planeta estava vacinada nesse período (BBC.COM, 2021).

Mecanismos de Opressão e a “Coisificação” do Ser

A COVID é a maior emergência sanitária e a mais letal pandemia do século XXI, até o presente momento. É o momento, no pós-guerra (1ª e 2ª grande guerra mundial), em que todas as sociedades do planeta se encontram aterrorizadas pelo mesmo problema. É, também, um momento em que ficam escancarados os mecanismos de opressão e de coisificação do ser.

Desde a primeira década do século XXI, as redes sociais vêm se consolidando como os veículos de comunicação mais acessados pelos indivíduos do planeta. As grandes companhias de mídias sociais cresceram rapidamente, a ponto de, nos países, não terem tempo hábil de construir regulamentações que blindem suas democracias. Esse território desregulamentado propiciou a disseminação de mitos e slogans necessários para que democracias venham ruir com extremistas chegando ao poder em alguns países.

Os movimentos negacionistas que ocorreram fortemente nos EUA e no Brasil escancararam a desumanização diante de tantas mortes. Foram manifestações contra os lockdowns e medidas de distanciamentos organizadas em redes sociais. A crença de que remédios sem eficácia comprovada pela ciência reforçavam que as medidas de distanciamento e o uso de máscaras eram desnecessárias. Reforçavam-se, também, que as pesquisas científicas publicadas em revistas de maiores impactos, estavam cheias de inverdades.

O movimento negacionista no Brasil virou a cara para a vulnerabilidade de uma parcela significativa da população. Mas esse movimento teve eco, inclusive, nessa população vulnerável. As manifestações que ocorreram, por exemplo, em dezembro de 2020 na cidade de Manaus foram compostas por lojistas, funcionários e pessoas de diversas classes sociais.

Não surpreende o fato de uma elite opressora não se importar com a desumanização diante de prejuízos financeiros, a pontos de fazer campanha contra o uso de máscaras e do distanciamento social. Vale a pena ressaltar que as classes sociais mais abastadas, dispõe com maior facilidade de acesso aos mecanismos de proteção contra a pandemia. Surpreende ver tantos pobres defender as pautas elitistas e opressoras. A pergunta que emerge nesse cenário é: quais as razões para fazer o oprimido defender pautas opressoras?

A incompreensão de serem seres históricos reforça o desejo em trabalhar no cenário da pandemia. O procedimento alienado ao entendimento do contexto local e global, aproxima a ação humana a ação mecânica (a-histórica). A negação ao grande número de mortes mostra o desconhecimento de tragédias históricas, por exemplo a grande peste que ocorreu na Europa do século XIV. Mostra o desconhecimento de processos dialéticos para a construção de mundo e o entendimento de que esse mundo é constituído por seres históricos que interagem e se constroem coletivamente.

Outro ponto essencial para responder à pergunta é o fato do oprimido se hospedar a sombra do opressor. Essa dualidade, apontada fortemente no texto de Freire, explica uma causa para a dificuldade do oprimido se entender como oprimido e assim aderir ao opressor. Dificulta, também, a formação da consciência de classe por meio segregações entre oprimidos.

Dada a importância de temas como: medidas de distanciamento, eficácia de vacinas e de medicamentos, comunicações científicas, uso de máscaras, lockdown entre outras palavras chaves no contexto da pandemia, seria de esperar que esses temas problematizantes viessem a surgir naturalmente e serem amplamente discutidos socialmente, que houvesse um primeiro momento para a problematização apontada por Freire. Mas não foi isso que ocorreu de forma geral no Brasil e nos EUA.

A polarização política e social vem ocorrendo, em especial no Brasil e nos EUA, aproximadamente a partir de 2016. As inverdades propagadas nas redes sociais em escalas industriais fomentam a polarização e ocorrem com traços de semelhanças em ambas as nações. Esse mecanismo divide a sociedade e atrapalha a dialogicidade de temas problematizantes. O cenário do distanciamento social, aliado a disseminação de inverdades, cria um ambiente propício para a polarização e, assim, a invasão cultural opressiva. Fica claro o processo de educação antidialógica e a importância da tolerância para a reversão do processo de opressão.

Chama a atenção a quantidade de inverdades disseminadas no período da pandemia. As chamadas fakenews consistiram de mensagens altamente disseminadas e, muitas vezes associadas a slogans de cunho religioso ou slogans que associam o negacionismo a uma falsa ideia de liberdade individual. Fica claro como, em especial, o conservadorismo e o mito da liberdade servem de instrumentos de invasão cultural antidialógica.

Um ponto muito discutido na CPI do Senado foi a liberdade do médico em indicar medicamentos sem eficácia comprovada. A narrativa em defesa da liberdade médica envidou esforços para retirar o mérito das pesquisas que seguiram todas as etapas até a validação científica final. Apoiaram-se nos resultados preliminares da fase inicial, em que uma dada droga é colocada diretamente sobre a carga viral (fase *in vitro*). Vale a pena ressaltar que a droga, ao entrar no sangue humano, encontra muitos alvos sendo que uma droga eficiente na fase *in vitro* pode tornar-se ineficaz quando injetada em seres humanos, além do que, causam efeitos colaterais. A construção de narrativas que coisificam as pessoas é inerentemente falsa quando estas atrapalham ações que, efetivamente, salvam vidas. Freire destaca a manipulação como outra ferramenta de invasão cultural.

## **PARA ALÉM DA COVID E DA PEDAGOGIA DO OPRIMIDO**

No capítulo dois da Pedagogia do Oprimido, Freire destaca as raízes da educação no fato dos homens terem a consciência de serem seres inacabados.

Na verdade, diferentemente dos outros animais, que são apenas inacabados, mas não são históricos, os homens se sabem inacabados. Têm a consciência de sua

inconclusão. Aí se encontram as raízes da educação mesma, como manifestação exclusivamente humana (FREIRE, 1987, p. 47).

A plena consciência da própria inconclusão passa pela consciência da construção do ser coletiva e temporalmente, passa pela imersão no mundo e isso depende de se entender como um ser histórico. Passa pelo entendimento de que a construção do mundo implica na construção de seres críticos e solidários. A pergunta que surge é: como seres que envidam esforços para apartar outros podem se entender como inconclusos?

Infelizmente a COVID não foi, nem é, uma gripe de pequenos impactos populacionais! Infelizmente pessoas altamente saudáveis, também, morreram de COVID! Infelizmente somos inconclusos frente a natureza a ponto das pandemias mostrarem o quão frágeis somos! As pessoas mudaram ao passar dos tempos, as pandemias modificaram seus sistemas imunológicos, os sistemas adaptados ao meio ambiente tenderam a sobreviver, e tudo isso ocorreu dinamicamente. A natureza evidencia que somos e seremos inconclusos por meio das nossas fragilidades.

Muitos países da Europa Ocidental optaram em lockdowns rigorosos para preservar vidas e economias. Essa prática é mais difícil em países com rendas concentradas, de modo que o auxílio financeiro, para populações economicamente desprivilegiadas, mostrou-se como a alternativa mais viável para conter a proliferação da COVID. A consciência de que não há dicotomia entre problema econômico e sanitário justifica esforços para a construção de políticas de divisão de renda. A solidariedade social fez-se de extrema importância nesses momentos em que as fragilidades sociais eram tão evidentes.

A autossuficiência é incompatível com o diálogo. Os homens que não têm humildade ou a perdem, não podem aproximar-se do povo. Não podem ser seus companheiros de pronúncia do mundo. Se alguém não é capaz de sentir-se e saber-se tão homem quanto os outros, é que lhe falta ainda muito que caminhar, para chegar ao lugar de encontro com eles. Neste lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam saber mais (FREIRE, 1987, p. 52).

O Brasil do 2020 e 2021 escancarou que: - eu respiro o ar que sai dos seus pulmões! Ou seja, dividimos até o ar, não somos seres autossuficientes, somos seres sociais que necessitam exercitar diálogos. Somos o produto da natureza que reconstrói o meio ambiente coletivamente, de modo que a ideia de meio ambiente se sobrepõe a ideia de mundo sem perder os preceitos Freirianos expressos na Pedagogia do Oprimido.

Quando não tomamos consciência temporal da nossa atividade frente a nós e a natureza, estamos “fechados em nós”, não podemos ter consciência plena de que somos seres inconclusos. Mas quando passamos a ser a consciência da natureza (personificamos a consciência), entendemos que somos intrinsecamente integrados a natureza, tomamos consciência de nós, enquanto seres-orgânicos, portanto, tomamos consciência da consciência.

A consciência de ser-orgânico é intrinsecamente temporal e integradora, portanto, responsável por si, por nós e pelo meio ambiente como um todo.

A pandemia mostrou que a libertação por meio da educação, mais que impossível a partir da incompreensão homem-mundo, torna-se impossível sem a ação integradora homem-natureza. Não há solução global sem integração responsável de ações.

O opressor faz-se oprimido quando tira do outro o que é, intrinsecamente, compartilhado. Se dividimos o ar, então a toxina que exala desnecessariamente volta para mim, pois somos seres-orgânicos. E como tal, o ato de oprimir faz-se auto opressão ao ser-orgânico. Assim sendo, o processo de libertação, iniciado no oprimido, finda no opressor.

A compreensão de que somos inconclusos desvenda que sempre seremos limitados e que estaremos nos construindo e ao nosso meio. Desvenda a impossibilidade da construção individual, desvenda, portanto que necessitamos do outro por sermos todos limitados, desvenda que como “seres-orgânicos”, que fazemos por nos quando fazemos pelo outro. Assim sendo, reduzimos nossas contradições quando no encaramos como intrinsecamente frágeis enquanto “seres-orgânicos”.

A história ensina que o opressor assume o papel de superior diante do oprimido, assim sendo desumaniza ao outro quando se desumaniza. A dicotomia entre superior e inferior é mais um mito, uma ferramenta de invasão cultural a serviço da educação antidialógica. Por que devo usar máscara se produzo muitos anticorpos? Ficou claro, nos anos de 2020 e 2021, no Brasil e nos EUA que muitos dos que rejeitaram as máscaras, fizeram por se acharem física ou espiritualmente privilegiados.

O “ser-orgânico” é o ser construído temporalmente, socialmente, criticamente, dialogicamente e que está sempre a procura do lugar de encontro mesmo com medidas de distanciamento social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na pandemia da COVID, multidões de oprimidos aderiram às pautas levantadas pelos opressores. Apesar de tantos mortos, o negacionismo foi adotado por aqueles oprimidos. Mesmo sendo tão evidente a aderência a pauta opressora, ainda assim muitos não conseguiram enxergar a desumanização, a “coisificação” do ser. A pedagogia do Oprimido apresenta uma explicação plausível para entender os mecanismos de desumanização. Sendo assim, é um texto importante no presente momento.

Preceitos como a dicotomia oprimido-opressor e educação antidialógica são indispensáveis na construção de um ser a-temporal que não entende o mundo. Um ser mecânico, uma peça na engrenagem que serve a concentração de renda. A partir destes preceitos, o opressor cria mecanismos de invasão cultural necessários a conquista do outro oprimido.

O presente texto consiste de uma narrativa que aponta mecanismos de invasão cultural utilizados, no contexto da pandemia da COVID, para desumanizar as pessoas. Consiste, também, de uma releitura do texto de Freire cinco décadas após a primeira publicação da Pedagogia do Oprimido. A pandemia da COVID como consequência da crise ambiental contemporânea faz repensar a ideia de mundo.

O texto de Freire não foi escrito em um mundo globalizado, com problemas, também, globalizados. Todavia é importante frisar que Freire nunca foi tão atual. E agora, mais do que nunca, precisamos de seus pressupostos, idealizações e iniciativas, tendo em vista que estamos situados em contexto marcado pelo fluxo constante de informações, dados e algoritmos. Tais características manifestas, na sociedade atual, revelam o tamanho da extensão e expansão de processamento de informações cognitivas, direcionadas e intencionalmente a serviço das classes dominantes, pois temos que, imagens, sentidos, comportamentos, palavras, números e abstrações matemáticas aparecem e se multiplicam a todo momento, de forma maligna, traiçoeira, distorcida e mentirosa, desvirtuando a todo momento o sentido e significado do que seja a verdade e a própria realidade.

Assim, os encaminhamentos voltados para os processos de um exame crítico envolvendo interpretações e compreensões, passam necessariamente pela capacidade de entendermos e nossa própria realidade, as relações de poder e de opressão existentes, na sociedade como um todo e, principalmente, estabelecermos um parâmetro de enfrentamento, dialogicidade e equidade, em um difícil momento, para a própria humanidade.

A educação problematizadora, proposta por Freire, pode fornecer um substrato teórico importantíssimo para os encaminhamentos de questões e situar problemáticas que ressoam em momentos históricos anteriores, mas que vieram à tona e a todo vapor nos últimos anos (SAVIANI, 2021).

Entender-se no mundo contemporâneo é entender-se numa realidade em que os recursos naturais são divididos por todos. Sendo assim, é entender-se como um produto da natureza que reconstrói o meio ambiente. A ideia de ser-mundo é circunscrita a ideia de ser-orgânico, sendo assim, fica mais fácil entender que ação irresponsável se volta contra todos, até mesmo ao opressor.

No ambiente em que tudo é compartilhado (ser-orgânico), o diálogo torna-se indispensável e, se a partir do diálogo, o oprimido caminharia em direção a libertação, então o opressor também seria agraciado no processo. Mas para isso ocorrer, é preciso que os seres humanos pretendam superar as suas próprias contradições e isso apenas poderia ocorrer recorrendo às raízes da educação, a saber: somos seres inconclusos.

## REFERÊNCIAS

- BBC. Coronavírus: 4 fatores que explicam o impacto da covid-19 nos EUA, país com maior número de infectados e mortos. Disponível em: [www.bbc.com/portuguese/internacional-52280762](http://www.bbc.com/portuguese/internacional-52280762). 2021. Acesso em 28 de jan. de 2021.
- CHIARETTI, D. ONU: 2021 pode ser ano do “tudo ou nada” para salvar planeta de crise ambiental. Disponível em: <https://www.savcerrado.org/onu-2021>. 2021. Acesso em 19 de fev. de 2021.
- CORREIO BRAZILIENSE. Centenas de pessoas fazem protesto em Manaus contra fechamento do comércio, Fonte: [www.correiobraziliense.com.br](http://www.correiobraziliense.com.br). 2020. Acesso em 26 de dez. de 2020.
- ESTATÍSTICA, G. Folha informativa sobre covid-19. Disponível em: <https://www.google.com>. 2021. *CORONAVÍRUS-19*. Acesso em 28 de jan. de 2021.
- FOLHA, U. Manifestantes protestam contra novo fechamento do comércio em Manaus, Disponível em: [www.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/.shtml](http://www.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/.shtml) 2020. Acesso em 26 de dez. de 2020.
- FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- G1.GLOBO. Multidão faz protesto no centro de Manaus contra novo fechamento do comércio; vídeo. Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/.ghtml>. 2020. Acesso em 26 de dez. de 2020.
- GUIMÓN, P. O que pensam as pessoas nos eua que, mesmo no epicentro da pandemia, protestam contra a quarentena. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-05-10>. 2020. Acesso em 05 de out. de 2020.
- HALLAL, P. C. SOS Brazil: science under attack. *Correspondence*. v. 397, issue 10272, p. 373-374, 2021.

- MOORE, S. History of COVID-19, Disponível em: [www.news-medical.net/](http://www.news-medical.net/). 2021. Acesso em 28 de jan. de 2021.
- NEWS, O. Organização mundial da saúde declara novo coronavírus uma pandemia. Fonte: <https://news.un.org/pt/story/2020/03/1706881>. 2020. Acesso em 28 de jan. de 2022.
- OXFAM.BRASIL. O vírus da desigualdade. Fonte: [www.oxfam.org.br](http://www.oxfam.org.br). 2022. Acesso em 29 de jan. de 2022.
- SAVIANI, D. *Paulo Freire, centésimo ano: mais que um método, uma concepção crítica de educação*. Educação e Sociedade. n. 41, 2021.
- SANTOS, V. P. Vanessa Prado dos Santos com a história? *Jornal Vascular Brasileiro*. 2020.
- SAÚDE, S. Linha do tempo do coronavírus no Brasil. Disponível em: [www.sanarmed.com/linha-do-tempo-do-coronavirus-no-brasil](http://www.sanarmed.com/linha-do-tempo-do-coronavirus-no-brasil). 2020. Acesso em 19 de mar. de 2020.
- SENADO. Atividade legislativa/Comissões. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/comissoes/>. 2021. Acesso em 28 de jan. de 2021.
- ZANDONAI, Roberta. *As crises de clima, biodiversidade e poluição devem ser enfrentadas em conjunto – novo relatório do PNUMA*, [www.unep.org/pt-br/noticias-e-reportagens](http://www.unep.org/pt-br/noticias-e-reportagens). 2021. Acesso em 18 de fev. de 2021.

#### Informações dos autores:

Nome do autor: Sérgio Antônio de Souza Farias

Afiliação institucional: Universidade Federal do Oeste do Pará (ICED – LabIn 02)

Endereço: Santarém, Pará, Brasil. Av. Marechal Rondon, S/N, Bairro Caranazal, CEP: 68040-070

E-mail: [sergio.farias@ufopa.edu.br](mailto:sergio.farias@ufopa.edu.br)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0084-4935>

Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8423926486006264>

Nome segundo autor: José Ricardo e Souza Mafra

Afiliação institucional: Universidade Federal do Oeste do Pará (PCE/ICED)

Endereço: Santarém, Pará, Brasil. Av. Marechal Rondon, S/N, Bairro Caranazal, CEP: 68040-070

E-mail: [jose.mafra@ufopa.edu.br](mailto:jose.mafra@ufopa.edu.br)

Endereço ORCID\*: <https://orcid.org/0000-0002-3629-8959>

Endereço Lattes\*: <http://lattes.cnpq.br/0259347290921771>